

RESENHA

[EISLER, Riane. *O cálice e a espada – Nossa história, nosso futuro*. Rio de Janeiro: Imago editora, 2001]

Maria Aparecida Ladeira da Cunha¹

A obra “O Cálice e a Espada”, da escritora e ativista social austríaca Riane Eisler, se alicerça sobre elementos científicos associados a componentes antropológicos e sociológicos, no sentido de abordar, de forma analítica, o estudo da evolução social e comportamental da humanidade, enfatizando as mais variadas e importantes manifestações culturais que contribuíram direta e indiretamente para a constituição dos mais diversos e distintos conceitos de princípios e valores que povoam o planeta.

Sua pesquisa transcende as remotas “Eras” da pré-história, num universo diferente do que se é apresentado como verdade quase absoluta na formação básica do indivíduo. A autora apresenta estudos atuais que defendem que os registros históricos eram “interpretados” conforme os interesses das classes dominantes.

Numa incansável busca pelo entendimento de como o domínio de uma determinada metade da humanidade começa a tomar forma, no caso a metade masculina, Eisler viaja ao período Paleolítico, virtualmente apontado como um dos tempos mais brutais da relação “homem x mulher”, aludido, inclusive, às imagens de homens portando uma clave (arma pré-histórica) e sua mulher como uma caça abatida sendo arrastada pelos cabelos. Esse período, entretanto, mostrou-se um dos mais pacíficos entre os gêneros humanos, de acordo com pesquisas feitas pela autora, onde homens e mulheres se respeitavam e se enxergavam iguais e parceiros na constituição das comunidades por eles iniciadas através das famílias, nos formatos da época.

A mulher, ainda que de forma primitiva, mantinha-se associada à fertilidade, à fonte da vida, o que de fato representa. A inocência ignorante, no entanto, atribuída à raça humana no Paleolítico, não associava inicialmente ao homem o poder da parceria no processo de

¹ Mestra em Comunicação e Cultura (UNIP-SP), bolsista CAPES, cidinha.cunha@gmail.com

desenvolvimento da vida. A partir desse ponto, é analisada uma teoria que justifique o processo de mudança do sistema de parceira para o sistema de dominação.

Esta teoria defende que o homem teria observado na própria natureza a importância do macho na procriação da espécie, levando-o ao entendimento de que, estando no mesmo nível de importância e sendo mais forte fisicamente que a mulher, a dominação de um gênero sobre o outro seria inerente ao ambiente proposto.

No entendimento de Eisler, diante de um período dramático e ameaçador à espécie humana, conhecida como Era Neolítica, onde ocorreu um intenso resfriamento climático em escala mundial, dificultando a manutenção das culturas agrárias e pecuárias e forçando o homem a retomar hábitos da caça para subsistência, sua imposição pela força física pode ter desencadeado um processo de se cultuar a superioridade do gênero masculino sobre o feminino, implicando diretamente em diversos segmentos da vida em sociedade até a atualidade.

Foi durante esse processo que inúmeros signos e ícones ligados à religiosidade e à arte foram tendo seus significados alterados, no sentido de justificar a soberania masculina, sendo contraposta a imagem da mulher como indivíduo submisso e inferior no corpo social, destacando-se a teoria de que as primeiras divindades adoradas pela humanidade estariam associadas a uma cultura matriarcal, tendo como epicentro a figura de uma Deusa, personificada por traços femininos.

No entanto, a deturpação da importância da mulher no processo social e principalmente na constituição da família, a instituição considerada um dos pilares morais mais fortes na formação do indivíduo, levou a humanidade a observá-las como objeto de consumo masculino, submetendo-as às mais degradantes situações de subserviência e violação de seus mais íntimos valores, tendo, inclusive, o apoio de outras duas importantíssimas instituições sociais, o estado e a igreja.

Diversas passagens bíblicas, literatura mais influente do meio religioso e que estabelece normas morais à maior religião do mundo, o Cristianismo, incitam e induzem seus seguidores que oprimam a figura da mulher a começar por tratar a figura de um Deus masculino, que contrariado e desafiado por uma mulher, Eva, causa danos irreparáveis à humanidade para toda eternidade. Novamente, promovendo a mulher como um bem pertencente ao homem, ao justificar diversos atos de violência, envolvendo até mesmo explicações para a prática de estupros, mutilações e apedrejamento.

A partir de então, não apenas nas sociedades baseadas no Cristianismo, mas em diversas outras religiões, a mulher passou a ser tratada como produto e, como tal, tem atribuído a si um valor de mercado, ou seja, passou a ter valor comercial e servir de escambo em várias sociedades ao redor do mundo. No ocidente, além de longos períodos onde se aplicava a cultura escravagista, a mulher podia ser “negociada” pelo próprio pai ou pelo marido, tendo sua valorização atribuída principalmente à castidade. O poder desse comportamento, apoiado religiosamente, permitia aos homens e mulheres, em igualdade de condições, ignorar inconscientemente.

Após o caos da decadência do mundo romano clássico, ressurgiu como uma nova era de mudança de sistema no mundo ocidental. O Império Romano foi substituído pelo Sagrado Império Romano e também responsável pelo derramamento de sangue e a repressão, introduzidos na cristianização da Europa. Iniciado por Constantino, o 1º imperador cristão, com a continuação através de seus sucessores, afirmando que a partir daquela data a heresia, para a igreja, tornara-se ato de traição, punível com tortura e morte, reinstalando o dogma dominador, através da destruição sistemática de templos, santuários e ídolos pagãos, fechamento de antigas academias gregas, aonde o “questionamento herege” ainda era praticado.

Nos escritos oficialmente sancionados, dogmas pseudopaulinos reafirmavam autoritariamente que a mulher e tudo que levasse o rótulo de feminino seriam considerados inferiores e tão perigosos que deveriam ser estritamente controlados. De acordo com a tese de Riane Eisler, todos os acontecimentos giram em torno dos movimentos de flutuação. Segundo a autora, “em toda a história registrada, particularmente nos momentos de instabilidade social, o modelo gilânico continuou a agir, mais fraco, porém persistente”.

Segundo estudos comprovados, existem padrões nessas flutuações históricas: há uma dinâmica fundamental que até o momento só recebeu estudos superficiais. No livro “Sexo na História”, o autor Taylor afirma que “as oscilações históricas de atitudes sexualmente permissivas para repressivas são os fundamentos da alteração entre períodos mais livres e criativos para outros mais autoritários e menos criativos”.

Um exemplo do retorno ao antigo culto da deusa, citado em “O Cálice e a Espada”, ocorreu no ano de 1140, em Lyon, com a Festa da Imaculada Conceição. Tanto na Era Elisabetana, no Renascimento e no Iluminismo Francês, as mulheres representavam papéis críticos e foram também responsáveis pelas ideologias modernas mais humanistas.

Um dos sinais mais indicadores de que tudo está prestes a retroceder está na restauração dos dogmas misóginos. A Igreja, seguindo o modelo de dominação, subordinou e silenciou as mulheres. A Inquisição como um aspecto inexplicável da história medieval, com a difamação das mulheres pela Igreja, como “fonte carnal de todo o mal”. Possivelmente milhões de mulheres foram torturadas de forma sádica e horrenda. Tais narrativas foram pouco mencionadas, e, quando citadas, eram explicadas como resultado de “histeria coletiva”, embora já tenha sido provado que “tal caçada era organizada, iniciada, financiada e executada pela Igreja e Estado”.

Charles Fourier declarou: “O grau de emancipação das mulheres é um índice do grau de emancipação de uma sociedade”. Em épocas e locais em que as mulheres não são estritamente confinadas ao mundo particular do lar, podendo se movimentar com mais liberdade no mundo público, levando e disseminando o “*ethos* feminino”, elas injetam uma visão de vida mais gilânica na sociedade.

Sobre o papel das mulheres na melhoria da sociedade, Eisler defende que talvez o mais notável de todos seja o Movimento Feminista, iniciado no século XIX. Mesmo sendo omitido dos livros tradicionais o trabalho de centenas de feministas deste século melhorou e muito a situação do contingente feminino da humanidade. Com a possibilidade de obter uma posição parcialmente segura no universo fora dos lares, esse movimento humanizou muito a sociedade como um todo. Através do impacto do *ethos* feminino, personificado em mulheres como Florence Nightingale, começaram a adentrar o “mundo público”, e surgiram profissões como enfermagem organizada e assistência social. Com isso o movimento abolicionista de libertação dos escravos ganhou apoio maciço. O tratamento de deficientes mentais também se tornou mais humano.

Se ignorado o relacionamento dos sistemas entre a supressão feminina e de valores associativos, inevitavelmente se aproximará outro período de enorme derramamento de sangue através de um cenário de guerra. Hoje em dia, há em todo o mundo uma enorme intensificação da violência contra as mulheres, não só na ficção, mas na vida real.

O mundo encontra-se no paroxismo de intensa regressão aos dogmas contra a mulher, defendidos pelos fundamentalistas cristãos e islâmicos. As teorias feministas e do caos têm muito em comum: elas compartilham a consciência crescente de que o atual sistema está sucumbindo e que necessita encontrar formas de abrir caminhos para um futuro diferente. Os problemas crescentes e globais são consequências da lógica de um modelo dominador de

organização social em um desenvolvimento tecnológico, não podendo ser resolvido dentro dele mesmo.

Ainda na atualidade, em paradoxo ao desenvolvimento tecnológico e social do século XXI, é possível encontrar rasuras analógicas e severas do comportamento entre os gêneros, tendo, em alguns casos, a convivência feminina contra sua própria natureza, fruto de um processo cultural arcaico, porém, muito bem estabelecido nos seios de núcleos que compõem o corpo social.

Indo contra o desenvolvimento de novos conhecimentos e costumes, alguns grupos sociais regridem de forma preocupante, retornando aos mais sombrios períodos vividos pela humanidade, quando do apego demasiado à religiosidade. O fundamentalismo religioso é notoriamente ameaçado pelo conhecimento e pelo questionamento racional e lógico, implicando numa interpretação cabal e ignorante de escrituras consideradas sagradas, promovendo a violência moral e, às vezes, física contra uma minoria e principalmente contra o sexo feminino, pelo simples motivo de ser feminino.

Esse comportamento retrógrado e comum ainda é um forte resquício herdado de tempos de substancial atraso do desenvolvimento social, remanescente de épocas contemporâneas à cultura escravista. Dessa forma, é inserido, ainda que implicitamente, na formação dos indivíduos, o machismo em sua plenitude, onde se observa atitudes simples como, por exemplo, a relação de considerável disparidade entre os gêneros no mercado de trabalho, o fato de a maioria dos “chefes” de famílias ainda serem os homens, a naturalidade com que um casal adentra um automóvel que, em raras ocasiões, é conduzido pela mulher, entre diversos exemplos.

Diante desse entendimento, evidencia-se a necessidade de uma análise comportamental e cultural, levando o processo de reeducação da sociedade, pelo menos no que tange a relação entre gêneros, até mesmo das chamadas minorias, a um longo e penoso caminho, criando-se elementos educativos e punitivos para que seja erradicado de uma vez o desrespeito contra o ser humano, independente de qualquer distinção.